



EM NOME DE QUE DEUS? SERVIDÃO PSICOLÓGICA, DISCURSO PASTORAL E TERAPIAS DE CONVERSÃO

IN THE NAME OF THAT GOD? PSYCHOLOGICAL SERVITUDE, PASTORAL DISCOURSE AND CONVERSION THERAPIES

Alison Antonio Alves¹
Maria Madalena Silva de Assunção²

RESUMO: O trabalho a seguir apresentado objetivou conhecer as manifestações contemporâneas das terapias de conversão, popularmente conhecidas como terapias de “cura gay” e seus impactos na subjetividade daqueles que a elas se submetem. Nesta perspectiva, identificaram-se as motivações, forças e intensidades que fundamentaram a escolha dos sujeitos LGBT’s, a procurar este tipo de serviço, bem como as alternativas encontradas por eles para romper com as instituições religiosas dando vazão ao desejo, em um movimento de resistência e criação. Discutiu-se ainda sobre as terapias de conversão propriamente ditas e as correntes psicológicas que as ancoram, bem como o papel fundamental da Resolução 01/99 e do Conselho Federal de Psicologia, que regulamenta a prática psicológica. Dadas as características do objeto, privilegiou-se o método qualitativo de pesquisa, sendo o instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. As entrevistas ocorreram por meio eletrônico, na plataforma escolhida pelos entrevistados, sendo o critério de inclusão na amostra ter participado das terapias de conversão ou ter sido impactado de alguma maneira pelos discursos LGBTfóbicos proferidos por líderes religiosos. As temáticas evocadas durante as entrevistas foram analisadas e submetidas a análise de conteúdo. Os resultados encontrados mostram-se alinhados às discussões teóricas realizadas, que consideram que as razões pelas quais estes sujeitos LGBT’s aceitam submeter-se a tais tipos de serviço devem-se ao sofrimento vivenciado por desviar-se da norma, que arbitrariamente definiu a heterossexualidade enquanto legítima. Mostram ainda os impactos negativos e de sentimentos de menos valia trazidos por tais discursos. Entretanto, mostram-nos que as vezes a experiência do sagrado sobrepõe-se a vivência da sexualidade, culminando na servidão voluntária ao discurso religioso. Por fim, os resultados nos mostram as alternativas e meios encontrados por estes sujeitos para ressignificar a experiência traumática vivida.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade; Terapias de Conversão; Processos de Subjetivação; Religiosidade.

ABSTRACT: The following work aimed to know the contemporary manifestations of conversion therapies, popularly known as "gay cure" therapies and their impacts on the subjectivity of those who undergo them. In this perspective, we identified the motivations, forces and intensities that supported the choice of LGBT subjects, to seek this type of service, as well as the alternatives found by them to break with religious institutions giving vent to desire, in a movement of resistance and creation. It was also discussed about the conversion therapies themselves and the psychological currents that anchor them, as well as the fundamental role of Resolution 01/99 and the Federal Council of Psychology, which regulates psychological practice. Given the characteristics of the object, the qualitative method of research was favored, and the instrument of data collection was the semi-structured interview. The interviews took place electronically, on the platform chosen by the interviewees, and the inclusion criterion in the sample was to have participated in conversion therapies or to have been impacted in some way by the LGBTfphobic discourses given by religious leaders. The themes evoked during the interviews were analyzed and submitted to content analysis. The results found are aligned with the theoretical discussions held, which consider that the reasons why these LGBT subjects agree to undergo such types of service are due to the suffering experienced by deviating from the norm, which arbitrarily defined heterosexuality as legitimate. They also show the negative impacts and feelings of worthlessness brought by such discourses. However, they show us that sometimes the experience of the sacred overlaps the experience of sexuality, culminating in voluntary servitude to religious discourse. Finally, the results show us the alternatives and means found by these subjects to resignify the traumatic experience lived.

KEYWORDS: Homosexuality; Conversion Therapies; Subjectivation Processes, Religiosity.

¹ Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. alisonalves22@gmail.com

² Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG); Professora da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. mariamadalenabhz@gmail.com

1º lugar na premiação referente ao concurso do Prêmio de Melhor TCC, do curso de Psicologia da unidade educacional São Gabriel, do 1º semestre de 2021.

1 INTRODUÇÃO

Estão na ordem do dia as discussões acerca da instituição familiar e de como protegê-la. Em nome da família e de sua defesa, governos totalitários chegam ao poder, conforme nos aponta Arendt (1998). Entretanto, nem todas as configurações familiares encontram-se entre as elegíveis à proteção, ou ainda, ao reconhecimento do Estado. Historicamente, aqueles que se permitem viver o “amor que não se ousa dizer seu nome”³ e subvertem a norma sexual socialmente imposta, são eventualmente aliados, marginalizados, vivendo a diáde inclusão/exclusão, em um processo de inclusão perversa, conforme Sawaia (2001) nos mostra. Junto à exclusão, estes recebem, devido às suas sexualidades, a marca do que não deve ser

No Brasil, país signatário da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) de 1948, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) emite uma normativa proibindo as então permitidas terapias de conversão, ou de reorientação sexual (CFP, 001/99), que diz-nos, em seu artigo terceiro, que: “[...] os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.”(CFP, 1999).

Segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), no Brasil, a cada 20 horas um homossexual é brutalmente assassinado ou se suicida, vítima da LGBTfobia (GGB, 2018) Segundo dados, apenas em 2018 foram 420 mortes de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT's), dessas, 320 foram homicídios. As outras 100 foram resultado do sofrimento causado pela LGBTfobia. Se comparados aos dados de 2019 (GGB, 2019), percebe-se um aumento no número de homicídios e uma redução no número de mortes por autoextermínio, 329 (+9,7%) e 32 (-68%), respectivamente. Esses números fazem do Brasil campeão mundial em assassinatos de minorias sexuais, estando à frente, em assassinatos, dos 13 países do Oriente Médio e África, onde existe pena de morte para pessoas LGBT.

Igrejas como a Norte Americana "Amor em Ação", cuja história deu origem ao filme "Boy Erased" e que, embora tenha encerrado suas atividades no país de origem, ainda possui sede e afiliados no Brasil, promovendo "seminários educativos" sobre sexo, sexualidade, gênero e masculinidades, possuem sangue LGBT nas mãos. Seu discurso, do alto de seus púlpitos, expropria poder de pessoas LGBT's, despotencializando-as, impedindo a realização da vida.

³ “Poema de Oscar Wilde, escritor premiado, líder e fundador do Movimento Estético e que foi condenado a 2 anos de prisão por “atos imorais com diversos rapazes.”

Assim, objetivou-se analisar como as terapias de conversão apresentam-se na atualidade. Intentou-se ainda compreender as alternativas e linhas de fuga encontradas por esses sujeitos que conseguiram romper com as igrejas e abandonaram a cosmovisão religiosa de sexo e sexualidade e, por conseguinte, daqueles que ao se submeterem ao panoptismo divino, permanecem nas igrejas e aceitam de bom grado a servidão voluntária ao discurso religioso. Tentou-se ainda identificar os impactos de tais práticas e discursos nos processos de formação identitária de sujeitos LGBT's e suas possíveis repercussões.

Ante a construção teórica e características do objeto, optou-se pelo método qualitativo de pesquisa, privilegiando como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. A amostra foi composta por 5 homens, 4 homossexuais e 1 bissexual sendo os critérios de inclusão possuir idade maior ou igual a 18 anos, ter participado ou presenciado, dentro da igreja onde congrega/congregava tentativas de reparação sexual e/ou ter sido afetado de alguma forma por discursos LGBTfóbicos proferidos por líderes religiosos. As entrevistas foram então gravadas, transcritas e submetidas à análise de conteúdo. Os temas evocados durante a entrevista compuseram as análises e o resultado final deste trabalho.

2 TERAPIAS DE CONVERSÃO

As terapias de conversão, reparativas, ou apenas terapias de cura gay definem-se como o conjunto de práticas e métodos, sem validação científica, utilizados para reverter à heterossexualidade sujeitos homossexuais. Tais terapias desenvolvem-se no bojo da psiquiatria, tendo como plano de fundo a cosmovisão cristã acerca das sexualidades, o binarismo de gênero e o genitalismo. Ao buscar na literatura, por exemplo, Cunha (1989) e Haldeman (1991-2002), têm-se que as terapias de conversão são realizadas primordialmente através da apropriação indevida ou inadequada dos pressupostos defendidos pela Análise Experimental do Comportamento e Psicanálise.

Conforme apontado por Foucault (1988), a produção de saberes acerca da sexualidade humana tem seu auge nos séculos XVII, XVIII e XIX, junto com o nascimento da clínica psiquiátrica. Segundo o autor, tanto a patologização da loucura quanto da homossexualidade teria suas raízes na distribuição de poder e tensionamento das forças existentes, frutos da produção do saber psiquiátrico. Concomitantemente ao poder psiquiátrico, a influência do saber moral, ligado à igreja, contribuía para a moralização do sexo e para a repressão das sexualidades heterodiscordantes.

A transição das sociedades de controle às sociedades disciplinares estava atrelada à governamentalidade, promovida pela gestão do biopoder e da fusão entre o público e o privado. O poder de vigilância exercido pela igreja, mostrava-se severo, sendo as normas e recomendações introjetadas à cultura. O gerenciamento dos comportamentos sexuais passava a funcionar sob a égide do panóptico (FOUCAULT, 2009), onde a vigilância era exercida primordialmente através do ser transcendental, que arbitrariamente chamou-se Deus. Ademais, os comportamentos eram modelados através do medo, ora do transcendental que tudo via e castigava, ora através de seus representantes, que impunham sevícias e castigos àqueles cujo comportamento desviava-se do normal, do moral, uma vez que “todo aquele que se desviar da norma, torna-se alvo de um saber que o examinará e de um poder que o corrigirá ou punirá” (ARAÚJO, 2008, p. 87).

Barlow *et al.* (1973) mostram-nos como a análise experimental do comportamento pode ser utilizada na apreensão do aversivo e nas terapias de conversão. Ao analisarmos seu experimento com um homem transexual, notamos que ao emparelhar um choque elétrico com imagens eróticas de homens até o final de 20 sessões, tais imagens evocavam excitação mínima, perdendo muito do seu valor de reforço.

Em aquiescência às ideias de Barlow *et al.* (1973), Haldeman (1991) discute as técnicas comportamentais utilizadas nas terapias de conversão. Segundo este autor, acreditava-se que ao empregar métodos de dessensibilização sistemática, tais como o condicionamento de masturbação associado a estímulos visuais, os sujeitos seriam capazes de retornar à heterossexualidade. Além da dessensibilização, na década de 60 os terapeutas comportamentais cuja prática voltava-se para a reparação sexual utilizavam, conforme Haldeman (1991), técnicas de condicionamento aversivo, onde choques elétricos nas mãos e órgãos sexuais encontravam-se emparelhados a estimulação erótica do mesmo sexo. Funcionava também através da administração forçada de drogas capazes de eliciar náuseas e cessação da estimulação aversiva ao se apresentar a estimulação do sexo oposto. Isto posto, podemos refletir acerca da violência infligida a pessoas homossexuais e os impactos gerados em seus processos de subjetivação por tais práticas ineficazes, de modo a adestrá-los, num incessante movimento de docilização. Segundo Foucault (2014, p. 134):

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. [...] Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.

Desta feita, podemos inferir o papel normalizador e assujeitador do “treino de sexualidade” oferecido pelos terapeutas comportamentais da década de 60 e que acreditavam serem capazes de reorientar as sexualidades à norma vigente, suas implicações e impactos gerados. Outrossim, conforme demonstra-nos Haldeman (1991), a apropriação das teorias psicanalíticas também se fez presente dentro das terapias de conversão, sendo usadas para patologizar e tratar as diferentes sexualidades.

É mister destacar o posicionamento de Freud acerca das diferentes manifestações da sexualidade. Para o autor, tais sexualidades seriam posições libidinais, estando dentre as inúmeras possibilidades existentes pós saída e posterior dissolução do Édipo e oriundas da bissexualidade original (FREUD, 1905-1911). Se Freud militava em favor da liberdade sexual, o mesmo não se pode dizer de sua filha, que acreditava ser possível converter homossexuais em heterossexuais pais de família (CECCARELLI, 2008). Segundo Roudinesco (2002) a posição repressiva assumida por Anna Freud acerca da homossexualidade deve-se a luta travada contra o sentimento de culpa por seu desejo, tal culpa refletia-se em ações repressivas direcionadas a sujeitos homossexuais.

A apropriação enviesada e moralizante do saber psicanalítico tem se mostrado aliada das igrejas cujo serviço de “reparação sexual” é ofertado. Essa apropriação, conforme aponta Ceccarelli (2008) deviam-se em parte às declarações das Sociedades norte-americanas de Psicanálise, que ao rejeitar analistas homossexuais, utilizavam o seguinte argumento:

[...]os homossexuais são, por essência, pessoas desagradáveis, que não se preocupam se suas atitudes agradam ou não. Possuem uma mistura de arrogância, falsa agressão e lamúria. Como todos os masoquistas psíquicos, são obsequiosos quando se encontram confrontados a uma pessoa mais forte; impiedosos quando têm o poder, sem escrúpulos quando se trata de esmagar alguém mais fraco [...] raramente encontramos um ego intacto entre eles. (BERGLER, 1956, p. 26).

A influência desta psicanálise normativa e moralizante reverbera então nas grandes igrejas tradicionais, mas particularmente nas igrejas evangélicas. Destaca-se aqui o papel normativo e os recortes das teorias freudianas originais realizados pela sucursal da evangélica “Amor em Ação”, pertencente ao grupo “Êxodus Internacional” e cujas práticas deram origem ao filme “Boy Erased” (2018). Embora esta seita tenha encerrado suas atividades em seu país de origem, no Brasil, a “Êxodus” e suas denominações regionais seguem firmes e atuantes, promovendo cultos, ofertando aconselhamentos e cursos, de modo a atuar “com sabedoria, verdade e graça diante dos assuntos ligados à sexualidade humana, a fim de prevenir desvios e

restaurar a visão de Deus sobre esse tema, trazendo transformações relevantes na família, na igreja e na sociedade” (RIKER; RIKER, 2014, online).

A cosmovisão cristã acerca da sexualidade perpetuada por este ministério, que considera a sexualidade humana, em uma perspectiva adotada segundo a psicóloga cristã Esly Carvalho, toma a homossexualidade a partir de três perspectivas, a saber: possessão demoníaca, conduta aprendida e/ou como estilo de vida alternativo (RIKER, 2014).

Aportada na psicanálise freudiana, em autores como Bergner e no behaviorismo skinneriano, Riker (2014) discute a homossexualidade “como uma desordem de conduta, trabalhando a ideia de que o *homossexualismo*⁴ é *apreendido*; é uma dificuldade de comportamento; disfunção/imaturidade emocional” (RIKER, 2014, online, grifo nosso) e cujas bases filosóficas remontam ao behaviorismo radical e ao comportamento operante. Ao tentar simplificar o comportamento sexual à componente operante, desconsiderando além da componente respondente as metacontingências cerimoniais e tecnológicas, tanto a psicóloga quanto a autora que se embasa em seu trabalho, realizam uma generalização rasa e descontextualizada da sexualidade humana.

Lançando mão das teorizações freudianas, Riker (2014) localiza no complexo de Édipo as causações da homossexualidade e por conseguinte, métodos de “cura”. Inicialmente, apresenta-nos as teorizações acerca da estruturação inconsciente e do bebê à majestade, tomado como célula simbiótica menino-narcisista/ mãe-fálica. Posteriormente, segue discorrendo sobre os processos de libidinização e identificação, dizendo que:

Tanto os homens como as mulheres, ao nascerem do corpo de uma mulher, precisam desenvolver primeiro um processo de identificação com a figura materna, figura feminina, já que é a mãe quem costuma cuidar, trocar as fraldas; é ela quem está mais perto do bebê principalmente no primeiro ano de vida. (RIKER, 2014, online).

Isto posto, suas considerações passam agora a deturpar o que fora proposto por Freud acerca das saídas possíveis do Édipo e do processo de renúncia do primeiro objeto de amor e identificação com a figura paterna. De modo a creditar valor a seu discurso, a autora vale-se da comunidade científica, dizendo que:

Tal como a maioria dos psicólogos e especialistas, acredita-se que no caso da homossexualidade, a desordem no amor manifesta-se desde a primeira infância. Toda criança precisa identificar-se com as formas de amor estabelecidas por Deus. Este primeiro amor, o amor ágape, é também chamado de amor fundamental, natural ou amor familiar. É aquele que une as pessoas em algum grupo natural. (RIKER, 2014, online).

⁴ A utilização do sufixo -ismo denota o caráter pejorativo e patologizante do discurso bíblico adotado.

As apropriações da teoria psicanalítica pela autora apresentam erros crassos e estruturais, haja vista que a interdição do incesto é feita pela função paterna. E esta não é necessariamente exercida pelo pai, mas por algo que prive a criança do acesso absoluto ao objeto de amor. Segundo a linha de raciocínio da autora, todo sujeito homossexual, identificado com a mãe, seria psicótico, uma vez que o nome-do-pai não operou, inaugurando o registro simbólico, capaz de realizar o encadeamento significativo.

A sexualidade humana é não linear, não podendo ser traduzida em relações de causa x efeito. O modelo de subjetivação adotado pela autora, assim como o modelo de subjetivação adotado pelas psicanálises é estrutural, a diferença existente entre eles se dá através do modo como ambos compreendem a sexualidade. Ademais, outros tratamentos eram utilizados de modo a tratar as sexualidades dissidentes. Conforme apontam-nos Garcia e Matos (2019) os tratamentos iam da psicoterapia às intervenções cirúrgicas, dependendo apenas da concepção de sua origem.

3 METODOLOGIA

Tendo em vista as especificidades do objeto desta pesquisa, optou-se pelo método qualitativo de pesquisa como forma de coleta de dados. Sobre a pesquisa qualitativa, Minayo (1993) afirma que esta se aplica aos fenômenos que não são possíveis de se quantificar, aqueles que correspondem a um espaço mais profundo das relações. De acordo com a autora, o método de pesquisa qualitativa mostra-se adequado "[...] aos fenômenos e processos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis." (MINAYO, 1993, p. 22).

Chizzotti (2003, p. 222) aponta-nos uma preferência dos pesquisadores pelo método qualitativo, uma vez que:

a quantificação como única via de assegurar a validade de uma generalização, presumindo um modelo único de investigação, derivado das ciências naturais, que parta de uma hipótese-guia, só admita observações externas, siga um caminho indutivo para estabelecer leis, mediante verificações objetivas, amparadas em frequências estatísticas.

Sobre a amostra escolhida, isto é, os sujeitos, estes foram, conforme Mainardes (2009), selecionadas por efeito "bola de neve", na qual um entrevistado indica outros para continuar a entrevista e fornecer novas informações. A pesquisa de campo ocorreu no final do segundo semestre de 2020 e início do primeiro semestre de 2021. O *locus* inicialmente pen-

sado, uma igreja evangélica, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte e com histórico de práticas de conversão, foi descartado, uma vez que durante o período pandêmico as reuniões e cursos de aconselhamento e reparação sexual foram suspensas.

De modo a compreender como as práticas discursivas e terapias de conversão realizadas impactam a subjetividade dos homossexuais, optou-se pelas entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistados 4 sujeitos homossexuais e 1 sujeito bissexual, todos maiores de 18 anos e que foram submetidos às neoterapias de conversão praticadas pelas igrejas evangélicas e comunidades terapêuticas.

Acerca das entrevistas, Manzine (2004) discorre sobre as entrevistas semiestruturadas, sendo estas, segundo ele, constituídas por um roteiro cujo cerne contemple a ideia que embasa a pesquisa e que pode ser complementado de acordo com as circunstâncias apresentadas no decorrer da entrevista. Manzine (2004) afirma que:

[...] é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviria, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante. (MANZINE, 2004, p. 2)

Dada a delicadeza do tema e escassez da amostra, haja vista que devido as contingências sociais e/ ou históricos de violência, muitos mantêm sua sexualidade escondida, classificadores do tipo escolaridade e sexo não foram critério de exclusão para participação na pesquisa.

As entrevistas ocorreram no segundo semestre de 2020 e início do primeiro semestre de 2021, através de plataformas digitais escolhidas pelos entrevistados, garantindo assim maior conforto. Foi entregue ainda a cada participante um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) conforme Resolução nº466 de 12 de dezembro, de 2012, que explicitava os objetivos e justificativa da pesquisa, bem como dos instrumentos utilizados. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra pelo autor. Após a transcrição as entrevistas foram categorizadas e os temas evocados submetidos à análise de conteúdo.

A análise de conteúdo pode ser entendida como um conjunto sistemático de ações que buscam compreender, além da leitura comum, a estrutura, modelos e características presentes na mensagem (BARDIN, 1997). Ainda, segundo a autora, o método de análise de conteúdo diz de:

[...] um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estrutu-

ras traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. (BARDIN, 1997, p. 9)

Ademais, os temas suscitados pelas entrevistas semiestruturadas também compuseram, articulados à literatura, as análises e resultado final deste trabalho.

4 RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO: DAS SUBMISSÕES À RESSIGNIFICAÇÃO DA SEXUALIDADE

4.1 Apresentação e Caracterização dos Entrevistados

Para este estudo, compuseram a amostra 4 sujeitos homossexuais e 1 sujeito bissexual, todos maiores de 18 anos e que foram submetidos às neoterapias de conversão praticadas pelas igrejas evangélicas e co-munidades terapêuticas.

Milk, 29 anos e 11 meses na data da realização da entrevista, apresenta-se como um homem cis gay assumido. Atualmente vive sua espiritualidade fora do templo. É mineiro, de Belo Horizonte.

Wyllys, 44 anos, apresenta-se como homem cis gay parcialmente assumido, isto é, não esconde quem é, mas não sente necessidade de falar abertamente sobre sua sexualidade. Atualmente é membro de uma igreja inclusiva em Ribeirão Preto, São Paulo.

Nery, 24 anos, apresenta-se como homem cis bissexual assumido. Filho de mãe católica e pai evangélico, ambos não praticantes. Possui passagem pelas duas igrejas, estando atualmente fora de ambas. Mesmo fora, mantém contato com alguns membros.

Mott, 31 anos, apresenta-se como homem cis gay assumido. Dos entrevistados foi o único que procurou psicoterapia devido aos traumas gerados pela igreja. Atualmente encontra-se fora de igrejas e relata sentir-se livre.

Turing, 22 anos, apresenta-se como homem cis gay, parcialmente assumido. Atualmente vive sua espiritualidade fora da igreja e diz sentir-se livre.

4.1 Heterossexualidade compulsória: conflito e “dupla identidade”

Alinhados às perspectivas pós-modernas, compreendemos que a sexualidade humana não é dada de maneira apriorística, sendo rígida e imutável, mas decorrente de inúmeras construções e re-construções históricas, oriundas de diferentes atravessamentos institucionais que modificaram as maneiras de sentir e experimentar o corpo, suas relações e concepções de de-

sejo. Segundo Foucault (1982, p. 1) “a sexualidade é algo que nós mesmos criamos – ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo”.

Acerca da heterossexualidade enquanto norma a ser seguida e a homossexualidade, alijada, encontramos correspondência entre os autores supracitados e a colocação de Wyllys, não assumido e que ao ser indagado sobre a manifestação pública de sua sexualidade e as relações familiares estabelecidas, relata que:

[...] e não sou eu de maneira nenhuma que vou é, empurrar ou, eu acho que empurrar goela abaixo, goela abaixo é uma expressão forte, mas quebrar esse Y, entendeu? Porque eu não vejo essa necessidade, se a gente vivesse uma briga, se a gente vivesse num, num contexto de discussão, de atrito, talvez a minha postura fosse outra, mas como a gente vive bem, então a gente vive bem.

Conforme Louro (2001), tais discursos não escapam à assunção da heterossexualidade enquanto norma, ao comparar a homossexualidade com outra coisa. No que tange a associação da figura do homossexual aos aspectos negativos do masculino, reiterados nos adjetivos “viado”, “bicha”, “qualira”, “boiola” e “baitola”, dentre tantos outros, Cunha (2009) nos diz que a:

figura do homossexual demarcou historicamente para o homem algo fundamental a qualquer identidade: seu campo de exclusão, o limite para toda e qualquer identificação possível. Ou seja, para corresponder a essa imagem natural do homem, era preciso escapar a qualquer traço, ao menor vestígio dessa outra figura, pertencente não ao mundo da natureza, mas percebida como sua adulteração, sua perversão. (CUNHA, 2019, p. 26)

Esta associação destacada pelo autor se faz presente na história da maior parte dos sujeitos homossexuais. E é isto o que nos apresenta Milk, que diz que:

se tem uma coisa que o homossexual faz é sofrer o tempo todo. É na escola sofrendo bullying, é pelos pais que não aceitam, que muitas das vezes jogam da porta pra rua, é na igreja, é no ambiente muitas vezes social onde ele sofre agressão física, verbal, psicológica, emocional, o tempo inteiro, “viadinho de merda, bichinha, boiolinha”, então assim, dentre outras palavras que são até mais pesadas, então, o tempo todo.

Ante às agruras que se apresentam apenas por ser aquilo que se é, sujeitos homossexuais, em algum momento de suas vidas, adotam uma “dupla identidade”, sendo o “eu” clivado, cindido, em um movimento denominado por Goffman (1963) como encobrimento. O encobrimento enquanto mecanismo de defesa adotado por homossexuais pode ser percebido nas falas de Wyllys e Turing, que ainda vivem o encobrimento mesmo que de maneira parcial. Ao

ser questionados sobre a vivência de sua livre sexualidade, Turing afirma viver: “hoje quase abertamente, né? [...] Pra minha mãe “sim”, agora pro resto da família “não” porque eu acho que não tem necessidade.” A experiência do encobrimento mostra-se bastante dispendiosa, uma vez que a pessoa que encobre, sempre deverá estar atenta aos aspectos das situações sociais, de modo que nem sempre as experiências passadas poderão ser generalizadas. Estes cuidados e alertas constantes fazem com que os sujeitos homossexuais que estão encobrindo vivam sempre em constante tensão.

O encobrimento vivenciado por Mott manifestou-se também em sua profissão de fé. Ao relatar-nos os impactos dos discursos proferidos por líderes religiosos em sua história de vida, Mott traz à cena a experiência do encobrimento ao dizer-nos que:

Às vezes eu tava no culto, por exemplo, onde começavam a falar coisas que eram realmente o que eu vivia, tanto que eu acabava constrangido. Ou a gente numa roda de amigos, num grupo ali, aí entra determinado assunto onde eu tinha que viver é, eu tinha que desfazer, eu tinha que disfarçar por causa do tipo de assunto, da forma que era falado né.

As colocações de Mott, Wyllys, Turing, dentre outros homossexuais relatam a dor diária da submissão à heterossexualidade compulsória, suscitando reflexões acerca da servidão voluntária a tal modelo.

4.2 Deus é amor? O panoptismo divino e a servidão voluntária ao discurso religioso

As discussões acerca da sexualidade a partir da cosmovisão cristã, que consideravam a homossexualidade uma aberração por fugir aos preceitos biológicos do sexo, tem origem com a expansão do cristianismo e da pregação da “palavra de deus”. A exortação apregoada pelo cristianismo através de seus líderes, que tomam a bíblia enquanto livro de conduta, encontra em seu bojo os atravessamentos que os enredam. No que tangem tais interpretações, Meneses e Santos (2013, p. 88) dizem-nos que:

A religião, sendo balizada pelas escrituras sagradas – a Bíblia – e pelas considerações dos líderes, repercute para os seus adeptos uma série de normas de conduta e comportamentos que são considerados saudáveis em detrimento de outros, que são considerados errados, portanto, pecaminosos.

As considerações sobre as condutas julgadas retas ou desviantes pelo cristianismo e suas possíveis implicações, mostram-se presentes na narrativa de Wyllys, que diz:

Olha, eu sempre fui evangélico né? Como a gente costuma dizer, eu nasci num lar cristão, nasci num berço evangélico, cresci dentro da igreja né, mas sempre me entendendo como homoafetivo, então era muito difícil essa relação, porque eu sempre tive um problema que não era meu, nem era um problema com Deus, mas era um problema com as pessoas na igreja e eu busquei durante a minha vida toda praticamente um lugar aonde esse problema com as pessoas não existisse, porque eu não tinha problema com Deus e nem comigo mesmo, mas era muito complicado porque eu tinha problema com as pessoas.

A relação conflituosa descrita por Wyllys explicita a cisheteronormatividade que fundamenta a prática religiosa cristã, que erige seus santos sob a égide da figura masculina e que privilegia o binômio Homem – Mulher. O conflito se estabelece quando Wyllys foge à norma bíblicamente imposta, fundamentada no criacionismo e que tem como verdade o mito da criação de Adão e Eva, onde “Homem e mulher foram criados e nasceram com sexos opostos para se complementarem e se procriarem. O homossexualismo apesar de aceito pela sociedade é uma distorção da natureza do ser humano normal” (MALAFAIA apud NATIVIDADE, 2006, p. 116). Neste ínterim, as discussões apresentadas encontram correspondência nas histórias de vida dos entrevistados.

Ante ao discurso bíblico da sexualidade, baseados no genitalismo trazido pelo binômio Homem - Mulher e suas interpretações, líderes religiosos insistem em considerar a homossexualidade como o maior dos pecados, responsável pela aniquilação das cidades de Sodoma e Gomorra. Segundo Natividade e Oliveira:

a cidade de Sodoma teria sido destruída em razão do “pecado” do “homossexualismo”: a casa de Ló, sobrinho do patriarca Abraão, é invadida por “varões daquela cidade” que exigem manter relações sexuais com dois anjos do Senhor, que se encontravam ali hospedados. Deus teria destruído a cidade de Sodoma em decorrência da prática deste pecado, e desde então enviaria pestes, epidemias e morte de modo a dizimar homossexuais, nações idólatras e outros pecadores (2009, p. 138-139).

Esta representação negativa da homossexualidade ainda se mostra bastante atual e pode ser traduzida nas estatísticas apresentadas pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) no que tange ao número de LGBT’s assassinados e mortos por autoextermínio. Aqueles que ousam buscar o ajustamento sexual, buscam dentro das igrejas, em particular, das igrejas evangélicas, que oferecem, em sua grande maioria, este tipo de aconselhamento. Costa, Silva e Junior (2018, p. 200) afirmam-nos que:

Os motivos que levam um homossexual a procurar um serviço de reorientação sexual, não estão ligados à sua orientação sexual de fato, mas sim, às contingências aver-sivas (eventos negativos) a que o mesmo está exposto por não ser heterossexual e com isso, ir de encontro a uma cultura que está ligada muito fortemente, como já foi citado acima, a agências controladoras, que ditam que ser homossexual é errado ou é

pecado, com isso, os relatos verbais e contingenciais que moldam o indivíduo, são extremamente aversivos a quem encontra-se nessa condição, levando o mesmo a ter uma série de comportamentos lesivos ou patológicos, fazendo-os procurar mudar sua orientação em uma fuga desses aversivos presentes no ambiente.

É o que nos conta Mott, ao relatar os horrores vividos em uma dessas reuniões de aconselhamento e de reversão sexual:

Eu passei por um processo onde eu fiquei depressivo. E tudo aquilo me afetava muito, ou seja, tudo aquilo que falavam, nesse sentido mesmo, me afetou muito. Porque eu ficava meio que “nossa, eu tô vivendo uma coisa, eu tô falando uma coisa na qual eu sou assim. E eu tô me enganando e enganando a todos, então aquilo realmente me deixava muito, muito mal mesmo. Eu nem diria que eu tinha autoestima, eu tinha baixa estima.

Wyllys também relata alguns episódios de tentativa de reparação sexual, vividos dentro da igreja onde congregava. Acerca das afetações e impactos por estes episódios, diz que:

[...] foi algo muito doido. É, eu congregava num outro lugar numa outra denominação [...] e ao descobrirem a questão da minha homoafetividade eles me, **não tentaram me submeter à cura porque eu não aceitei porque eu nunca acreditei que isso fosse uma doença** [...] eu já tinha isso muito bem claro dentro da minha cabeça, dentro do meu coração, que eu não iria mudar. Eu não iria conseguir ser uma outra pessoa, por mais que eu tentasse. Eu mudava do lado de fora, mas a minha essência não ia mudar. Então não tinha porque, embora eu tentei durante muito tempo mudar o que eu era do lado de fora para que as pessoas não me apontassem [...] (grifo nosso)

A fala de Wyllys corrobora o que foi posto por Costa, Silva e Junior (2018) acerca dos motivos que levam jovens homossexuais a procurarem os serviços de reorientação sexual. Ao escapar do modelo de masculinidade e virilidade heterossexual, Wyllys é convidado a se fragmentar, confirmando que a sexualidade legítima e dada por Deus é a heterossexual. O convite ao sacrifício e a penitência remetem às práticas disciplinadoras, adotadas pelas sociedades disciplinares. Conforme Richards (1993, p. 140):

O sistema de penitências era uma institucionalização do mandamento de Cristo “Vai, e não peques mais”. Eles propiciavam aos pecadores penitentes a chance de expiar seus pecados pela mortificação da carne, pela reflexão sobre sua gravidade e pela decisão de não cometê-los novamente. As penitências variavam em função da idade, do sexo do pecador, e segundo fosse leigo ou eclesiástico.

Frente a estes convites que eram realizados, Mott, por “vontade própria”, decide atendê-los, crendo que: “tudo aquilo que me falavam eu absorvia e aceitava como se fosse certo mesmo, sem ter uma conclusão, sem ter um objetivo, e sem assim saber se aquilo era verdade, se não era, sem ter uma procedência correta.” E foi do alto desta subserviência que a verdade

proferida o atingiu de tal modo que ele se sujeitou às atividades de reparação sexual, conforme ele mesmo nos relata:

eu participei espontaneamente porque tinha um amigo meu, eu tenho ainda. Ele, meu amigo é hetero. E ele sabia de tudo porque eu sempre fui aberto com ele sempre, contei tudo tal. E ele falou que lá teria pessoas que poderiam me ajudar a me esclarecer o que era a homossexualidade, por esse motivo eu comecei fazer esse curso.

O que Mott nomeia de “curso”, Davies (2012, p.1) define como “Terapia de Reorientação Sexual, também conhecida como Terapia Reparativa (TR) - é uma indústria terapêutica que vale milhões, a qual é praticada por grupos majoritariamente Cristãos conservativos”. Mott prossegue em seu relato e nos conta como a Igreja Batista, denominação que proporcionou o convite, organizava a terapia:

[...] é um acompanhamento com pessoas, onde os pastores e ministros ministravam sobre a vida de pessoas gays, que automaticamente estavam numa vida errada, tinham uma mudança de vida. Então é, com tudo, ali a gente é oprimido e influenciado é né, a fazer algo que você não quer. Eles ensinam a você que tudo aquilo convencionalizado é errado. Só que o que mais me deixava indignado é que, por exemplo é, todos os assuntos deveriam ser abordados como se, por exemplo o ladrão tivesse mais direito do que uma pessoa gay só pelo fato de ser gay. Então por exemplo, você podia roubar, matar fazer o que for que você teria perdão. Se você fosse um homossexual acabou, entendeu? Então assim, eles são muito agressivos em certa parte.

Mott finaliza sua narrativa contando-nos as questões práticas das terapias, onde ocorriam e a frequência dos encontros. Assim, ele nos diz que o convite:

Foi direto dentro da igreja (Batista). Marcava o encontro é, era marcado o encontro a cada determinada data onde as pessoas, no meu caso de recuperação, porque pra eles isso é uma doença, encontrava e era abordado todos esses tipos de assuntos e falava sobre o que era certo e errado. Isso na perspectiva deles né. E era assim.

A terapia narrada pelos entrevistados, assim como todas as demais modalidades das terapias de conversão, visa ao adestramento de corpos e despotencialização de sujeitos LGBT's, que agora dóceis, mostram-se incapazes de perturbar a ordem social e ameaçar o privilégio heterossexual. E em alguns casos as terapias de conversão deixam marcas tão profundas, que os sujeitos necessitam de buscar ajuda especializada. Mott, frente ao incômodo e a deslegitimação vividas, sente-se depreciado. Ele nos conta que após o processo:

[...] como eu disse também, eu adoeci entendeu? toda aquela situação de uma vida vivida, eu precisei fazer acompanhamento com uma psicanalista, psicóloga. Inclusive que até direcionou e ela comentou e fez tudo pra mim foi (inaudível). Essa psicóloga, ela é até evangélica. E ela, por incrível que pareça, ela dava conselhos, era como por exemplo, ela fosse contra aquilo que eles falavam, entendeu? Então assim,

ela era evangélica, mas o profissional dela não era, então ela orientava baseada na tese do profissional, então o que me ajudou muito a ser hoje quem eu sou foi isso.

As reverberações e impactos dos discursos religiosos e das terapias de conversão na construção identitária dos sujeitos homossexuais, mostram-se bastante danosas, produzindo sujeitos cuja vivência torna-se inautêntica. Entretanto, foi observado que na amostra, mesmo diante de toda humilhação e invisibilização, um dos entrevistados decide permanecer, não sendo a tentativa de reparação sexual motivo para sua saída. Este fato, que traduz a integralidade do sujeito pondo em evidência a dimensão espiritual, pode ser interpretado à luz da experiência mística, que segundo Ales Bello (2002, p. 109) “é caracterizada pela absoluta manifestação, pela absoluta iniciativa de Deus, que penetra no ser humano transformando-o, dilatando os seus contornos, fazendo apreender diretamente e sem mediações a Sua presença”.

A estratégia encontrada pelos sujeitos entrevistados para a vivência do sagrado e da religiosidade foi o apartamento de Deus da religião. De fato, a separação trazida por Milk mostrou-se capaz de justificar o livre exercício da espiritualidade, mas não abarca a realidade do fenômeno vivido por Wyllys, que mesmo convidado a participar das terapias de conversão e sendo invisibilizado em um ambiente que prega o amor, decide permanecer, submetendo-se de bom grado ao discurso da servidão religiosa e modulando seu comportamento de modo a corresponder às exigências do panoptismo divino.

As narrativas acerca da obediência acrítica trazidas pelos entrevistados podem ser explicadas sob a ótica de La Boétie (1983[2006], p. 6), que intenta:

esclarecer tão somente o fato de tantos homens, tantas vilas, cidades e nações suportarem às vezes um tirano que não tem outro poder de prejudicá-los enquanto eles quiserem suportá-lo; que só lhes pode fazer mal enquanto eles preferem aguentá-lo a contrariá-lo.

É o que nos mostra Wyllys, que reconhece no papel exercido pela liderança a motivação da sua exclusão ministerial:

houve uma reunião da liderança dessa igreja, desse ministério. E a ordem foi “olha não é nem pra cumprimentar.” Então assim, foi muito difícil sabe, foi um período muito difícil. E o slogan da igreja era “uma família que te ama”, mas o amor que a mim nunca foi estendido. Enquanto eles não sabiam, ou melhor enquanto eles não tinham certeza, [...] eles me tratavam muito bem, enquanto eu era útil. A partir do momento que alguém descobriu ou que alguém viu alguma coisa que pra eles era errado, era ruim, aí eu deixei de ser útil e fui abandonado, simplesmente.

Em complemento à fala de Wyllys, La Boétie (1983[2006], p. 7) se propõe a descobrir “que nome se deve dar a esta desgraça? Que vício, que triste vício é este: um número infinito

de pessoas não a obedecer, mas a servir, não governadas, mas tiranizadas, sem bens, sem pais, sem vida a que possam chamar sua?” As discussões aventadas pelo autor mostram-se frutíferas para compreender as relações de dominação existentes e baseiam-se na perda da liberdade, estando menos livres aqueles mais próximos da figura do líder, uma vez que ao se anteciparem ao seu supor desejar, oferecem a ele sua própria servidão. Ademais, o misticismo gerado em torno do soberano que se mostra transcendental, contribui para a servidão voluntária, em um constante movimento paranoico de medo e culpa. O panoptismo divino, que vê, classifica, julga e condena serve aos interesses do líder religioso, que agindo como sucedâneo de Deus, vale-se dessa estratégia para subjugar os que a ele se submetem.

4.3 Linhas de fuga do desejo: resistência, ruptura, criação e uma nova percepção de si mesmo

Frente ao cenário de destruição trazidos pelas terapias de conversão e demonização das sexualidades heterodesviantes, alguns sujeitos LGBT's encontram dentro das próprias igrejas linhas de fuga capazes de dar vazão ao desejo, em uma relação de apropriação da subjetividade imposta pelos diferentes dispositivos e de resistência e criação, capazes de produzir “Devires” (DELEUZE; GUATTARI, 2002).

É o que nos mostra Milk, que ao mudar sua concepção de Deus, decide romper com a igreja. Segundo ele: “minha concepção hoje, Deus está presente em todo lugar, não necessariamente você precisa de um templo para que você possa adorá-lo, porque a casa do senhor é o nosso coração, sabe?” Milk, ao adotar uma perspectiva imanente de Deus, converge filosoficamente a concepção de Deus trazida por Espinoza (2009) ao considerar a infinitude de Deus. Ao evocar em sua narrativa a questão imanente da vida, Milk expressa a indissociabilidade dos processos humanos aprendidos culturalmente.

A ruptura experimentada por quatro dos cinco entrevistados pode ser enxergada como resultante da produção-desejante. Somadas a esta produção, tem-se a formação das linhas de fuga (Deleuze (1998), capazes de proporcionar encontros com o que eles de fato buscavam: autonomia e liberdade.

4.4 Fora, porém livre

A ruptura com os dispositivos religiosos, causa principal da opressão vivida por sujeitos LGBT's, traz consigo a sensação de liberdade. Aqueles que conseguem se desvencilhar do

discurso religioso, deixam de responder conforme o desejo de outrem, saindo do modo automático e paranoico de funcionamento trazido pelo panoptismo divino. Ao aceitar-se como se é, sujeitos LGBT's retiram de outrem a necessidade de os aceitar e podem abrir mão do encobrimento (GOFFMAN, 1963). É o que nos apresenta Milk, dizendo-nos que a partir do momento em que informou à família sobre sua orientação sexual e se aceitou, deixou de exigir que os outros o aceitassem: “eu viver uma coisa pra agradar pastor? Eu não. Tô vivendo o que eu tenho que viver, porque a única pessoa que eu tenho que agradar verdadeiramente é Deus, eu tenho que me haver com ele, não com homem nenhum.” A narrativa de Milk é corroborada pela história trazida por Mott, que após procurar tratamento especializado para lidar com as afetações resultantes da terapia de conversão, encontra-se empoderado e capaz de aceitar sua própria sexualidade, não sendo necessário mais fazer uso do encobrimento:

Eu vivia na igreja como se fosse 2 pessoas: dentro da igreja eu tinha uma personalidade diferente que eu não podia agir natural e não podia ser eu. E depois que eu decidi não seguir aquele padrão eu sou o que eu sou entendeu? (inaudível) de ninguém achar ruim, de achar que é errado. E se acha também, não me importa.

Às narrativas de Milk e Mott ilustram histórias de empoderamento trazidas pela assunção da orientação sexual, tomada enquanto legítima. E é do alto deste empoderamento que Milk diz: “sou o que sou, me engulam quem quiser (risos). Quem não quiser problema é dele, ele que se arque (risos)”. A fuga ativa (DELEUZE, 1998), adotada pelos entrevistados cujas narrativas foram desvencilhadas do discurso, mostrou-se enquanto estratégia capaz de dar vazão ao desejo através da criação de linhas e potencialização, sendo marcada pela dimensão do outro, da alteridade.

5 CONCLUSÕES

Os resultados apresentados mostram que a liberdade de ser o que se é e a vivência plena da sexualidade resvalam na aprovação familiar. Suscitam questões éticas acerca de tais práticas, uma vez que seus impactos se mostram devastadores para aqueles que a elas se submetem. Frente às marcas deixadas pelas terapias de conversão e pelos discursos LGBTfóbicos proferidos por líderes religiosos, aventa-se o questionamento moral sobre o direito à prática religiosa e o direito à vida, uma vida que mereça ser vivida. Deve-se garantir o direito à prática religiosa a qualquer custo, mesmo que custe, do alto de seus púlpitos, a perda da liberdade e a despotencialização de vidas LGBT's? Qual deve ser o critério balizador das formações

discursivas proferidas por líderes religiosos? Estas questões éticas apareceram, direta ou indiretamente em todas as narrativas da amostra através do questionamento do amor divino, afinal se Deus é amor, porque ele não me ama.

Outrora, destaca-se aqui que este trabalho não teve a intenção de esgotar a temática das terapias de conversão e suas implicações, pelo contrário, espera-se que este trabalho funcione como inspiração para novas pesquisas, tais como a inclusão de sujeitos de diferentes identidades de gênero e mulheres lésbicas na amostra pesquisada.

Finaliza-se este trabalho denunciando as disposições hierárquicas de poder existentes nas relações estabelecidas entre os discursos religiosos e pessoas LGBT's, mas “esperançando” (FREIRE, 1992) uma “utopia ativa” (BAREMBLITT, 2002), onde impere a produção de qualquer vida e a deslegitimação da homossexualidade não seja demanda capaz de trazer sujeitos LGBT's aos nossos consultórios.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, A. Teologia negativa, mística, hilética fenomenológica: a propósito de Edith Stein. **Memorandum**, 3, 98-111, 2002. Disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos03/alesbello01.htm>> Acesso em 30 de Março de 2021.

ARAÚJO, I. L. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: Teoria e prática**. Belo Horizonte, MG: Instituto Félix Guattari, 5. ed. 2002.

BARLOW, D. H., REYNOLDS, E. H., & Agras, W. S. Gender identity change in transsexuals. *Archives of General Psychiatry*, 28, 569-579, 1973.

CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. **Bagoas**. n. 2, 2008, p. 71-93.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 2, 2003, p. 221-236. Universidade do Minho Braga, Portugal.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Decreto Nº 001/99. Brasília: CFP, 1999.

CUNHA, M. C. P. Loucura, gênero feminino: As mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX. **Revista Brasileira de História**, 9(18), 121-144, 1989.

DAVIES, D. **Terapia de Reorientação Sexual (Terapia Reparativa) e requerimentos para a ajuda na mudança de orientação sexual**. Tradução Miguel Montenegro. PinkTherapy, 2012. Disponível em:

http://www.pinktherapy.com/portals/0/downloadables/translations/ce_port.pdf Acesso em: 04 Abril 2021.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: <<http://www.dudh.org.br/wpcontent/uploads/2014/12/dudh.pdf>>. Acesso em 01 de Junho de 2020.

DELEUZE, G. **Espinosa e o problema da expressão**. Trad. de A. Guérinot. Paris: Minuit, 1968.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs**. São Paulo: Editora 34, 2002. 4 v.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

ESPINOSA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

FOUCAULT, M. Sexo, poder e política de identidade. Entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982. Disponível em: <http://www.filoesco.unb.br/foucault>.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 1 v.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREUD, S. Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1905/ 1996. 7 v.

GARCIA, M. R. V.; MATTOS, A. R. “Terapias de Conversão”: Histórico da (Des)Patologização das Homossexualidades e Embates Jurídicos Contemporâneos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 39, n. spe3, e228550, 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000700310&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 fev. 2021.

GGB. MORTES VIOLENTAS DE LGBT+ NO BRASIL – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia. Disponível em : < <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>> Acesso em 01 jun. 2020.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 4ª ed. 1963.

HALDEMAN, D. C. Sexual orientation conversion therapy for gay men and lesbians: A scientific examination. In J. C. Gonsiorek, J. D. Weinrich (Eds.), **Homosexuality**: Research implications for public policy, Newbury Park, CA: Sage, p. 149-160, 1991.

HALDEMAN, D. C. Therapeutic antidotes: Helping gay and bisexual men recover from conversion therapies. **Journal of Gay and Lesbian Psychotherapy**, 5(3/4), 119-132, 2002. Disponível em : <https://doi.org/10.1300/J236v05n03_08> Acesso em: 02 fev. 2021.

LA BOÉTIE, E. **Discurso da servidão voluntária ou contra Um**. Edição Bilingue. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LOURO, G. L. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200012> Acesso em 04 fev. 2021.

MAINARDES, J. Pesquisa etnográfica: elementos essenciais. In: BOURGUIGNON, J. A. **Pesquisa Social: Reflexões teóricas e metodológicas**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.
MALOTT, R. W. (1996). A behavior-analytic view of sexuality, transsexuality, homosexuality, and heterosexuality. **Behavior and Social Issues**, 6(2), 127-140. Doi: 10.5210/bsi.v6i2.288

MANZINI, E. J. Entrevista Semi-estruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros. In: **Seminário Internacional Sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos**. Bauru: USC, 2004.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

NATIVIDADE, M. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 21, n. 61, p. 115-132, jun. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092006000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 31 de mar. de 2021.

RIKER, B. Entendendo a homossexualidade. Ministério ser. 2014. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20181227182309/http://ministerioser.com.br/categoria/homossexualidade/>> Acesso em: 14 de fev. de 2021.

RIKER, D. RIKER, B. Ministério ser: sexualidade e restauração. c2014. Quem somos? Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20181227181800/http://ministerioser.com.br/quem-somos/>> Acesso em: 14 de fev. de 2021.

ROUDINESCO, El. **Pyschanalyse et homosexualité: réflexions sur le désir pervers, l'injure et la fonction paternelle**. Cliniques Méditerranéennes. Ramonville Saint-Agne: Éditions Éres, 2002.

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.